



LUGARES DE EDUCAÇÃO

Rui Fonte

Universidade de Trás-os-Montes Alto Douro (Portugal)

RESUMO

Esta comunicação propõe-se a refletir sobre o conceito de espaço de educação sociocultural, através da análise e reconhecimento dos diferentes espaços educativos e das suas relações com conceitos afins como território e lugar. Olhando através de diferentes perspetivas, o objetivo deste artigo é compreender como podemos interpretar os diferentes lugares onde se processam contextos de ensino-aprendizagem em ambientes diversos. Devemos olhar para o espaço através daquilo que o preenche. Para tal, é necessário um processo de apropriação desse mesmo espaço, transformando-o em lugar, como sistema para produzir, facilitando ou dificultando, diferentes processos educativos. Sempre em constante mutação e ligação com outros lugares. A metodologia adotada sustenta-se numa revisão consistente de alguma bibliografia existente sobre o tema. Numa primeira fase, dedicamo-nos aos conceitos de espaço, território, lugar e contexto, salientando as características que acentuam as suas diferenças. No final, poderemos perceber que qualquer espaço é inócuo sem ter algo que o preencha, todo o território é um conflito de forças entre poder e contrapoder e só o lugar é desígnio de circunstância educativa, onde é possível acontecer educação.

PALAVRAS-CHAVE

Educação; Espaço; Território; Lugares educativos

RESUMEN

Esta comunicación pretende reflexionar sobre el concepto de espacio educativo sociocultural, a través del análisis y reconocimiento de diferentes espacios educativos y sus relaciones con conceptos



relacionados como territorio y lugar. Mirando desde diferentes perspectivas, el objetivo de este artículo es comprender cómo podemos interpretar los diferentes lugares donde se desarrollan los contextos de enseñanza-aprendizaje en diferentes entornos. Debemos mirar el espacio a través de lo que lo llena. Para lograrlo es necesario un proceso de apropiación de ese mismo espacio, transformándolo en lugar, como sistema para producir, facilitando o dificultando, diferentes procesos educativos. Siempre en constante cambio y conexión con otros lugares. La metodología adoptada se basa en una revisión consistente de alguna bibliografía existente sobre el tema. En una primera fase nos dedicamos a los conceptos de espacio, territorio, lugar y contexto, destacando las características que acentúan sus diferencias. Al final podremos darnos cuenta de que cualquier espacio es inocuo sin tener con qué llenarlo, todo el territorio es un conflicto de fuerzas entre poder y contrapoder y sólo el lugar está diseñado para una circunstancia educativa, donde la educación puede tener lugar. .

PALABRAS CLAVE

Educación; Espacio; Territorio; Lugares educativos

Fisicamente, habitamos um espaço, mas,
sentimentalmente, somos habitados por uma memória.

(Saramago, 2009, p.20)

INTRODUÇÃO

Entre o corpo de que somos constituídos e as emoções de que somos preenchidos, somos gente. Gente que vive em sociedade. Homens e mulheres que habitam em partilha e comunhão, influenciados pelos lugares que povoamos. Ocupamos espaços, conquistamos territórios e identificamos lugares. Somos o reflexo do que nos envolve, esperando que isso reflita o que somos. Se analisarmos o conceito de espaço, damos conta que o que nos ocorre de imediato são outros conceitos, mascarados de sinónimos, como lugar, local, sítio, território, área. Todavia, basta aprofundar um pouco mais a atenção para perceber que nenhuma dessas designações se trata de um sinónimo, mas sim de uma terminologia que



serve para evidenciar os pormenores que diferenciam os termos uns dos outros. O desafio é compreender o espaço, aprofundando as distinções entre espaço, território e lugar, na tentativa de perceber como, porquê e quando o espaço se torna um lugar educativo.

O espaço e o vazio

O termo espaço pode ser alvo de diferentes interpretações, mediante a formação, interesse, disciplina ou sensibilidade de quem o observa e analisa. Porém, “um espaço não existe senão por aquilo que o preenche” (Barracho, 2001, p.53). Não se pode olhar o espaço como algo vazio, oco, desabitado e, ao longo da nossa vida, esvaziamos os dias em permanente contato com diferentes espaços. Podemos enquadrar o espaço através de três ângulos, que determinam a sua condição. Na sua condição mais física, a nossa objetiva capta o espaço na sua morfologia e estrutura, ou seja, no seu aspeto físico. Destacando a condição prática, aproximamos a lente de modo a pormenorizar o uso e as funções de determinado espaço, ou seja, no seu aspeto útil. Por último, na condição social, eleva-se a importância da forma como o próprio espaço está organizado e das relações que nele existem, ou seja, o aspeto inter-relacional. O espaço merece ser examinado numa pluralidade de objetivas, muito para além de um só ângulo.

Barracho e Dias (2010) consideram o “espaço a dois níveis. O primeiro na sua grandeza geométrica e objetiva. O segundo caracterizado pelas suas propriedades qualitativas ligadas ao comportamento de um sujeito num determinado espaço” (Barracho e Dias, 2010, p.26). Todo o espaço está dependente da forma como as sociedades o encaram e afrontam. As sociedades relacionam-se com o espaço através de grupos sociais, ocupando, construindo, organizando e destruindo o espaço, de acordo com as suas necessidades. Qualquer espaço tem as suas diferenças e poderão ser uma extensão de estilos de vida. “Neles estão presentes relações hierárquicas princípios, normas, valores e punições” (Ruiz Muñoz, 2000, p.104).



A interação entre os homens, entre necessidades e desejos, entre vontades e escolhas dependerá sempre do espaço onde ela acontece. Todos os comportamentos e atitudes estarão sempre relacionadas ao contexto onde ocorrem.

O espaço representa um sistema de estímulos que pode produzir, facilitar ou dificultar um determinado comportamento. Isto é, podendo ser uma sala de aula, uma sala de cinema, um campo de futebol, uma igreja, um café, ambientes que induzem a comportamentos específicos (Barracho e Dias, 2010, p.27).

A relação entre as pessoas, e mesmo a relação entre estas e os seus ambientes é condicionada pelo espaço, pelo contexto. Este exerce uma influência brutal, quase invisível a olho nu, sobre o modo como nos comportamos. Cada espaço tem elementos normativos que condicionam a nossa existência.

Espaço e território

Nós somos o que habitamos. As necessidades do sujeito são individuais, mas influenciadas pelos contextos espaciais. São esses contextos espaciais que oferecem ao indivíduo a orientação e a identificação necessárias para que este dote de significado o espaço, até então nulo, vazio, sem sentido, desapropriado.

O espaço – independentemente das condições, variáveis ou interpretações – é, para o indivíduo, uma construção pública, porque se apropria dele. O espaço educativo será um exemplo de como o indivíduo habita e organiza um espaço, convertendo-o em território e lugar. Devemos atribuir uma dupla configuração ao espaço, considerando-o como território e como lugar. Lugar porque ocupa um espaço, com determinadas características, onde se vai, fica, vem, onde se está. Território quando é um espaço com relações subjetivas. A noção de espaço como lugar é mais objetiva, individual, particular, enquanto o espaço como território é uma noção mais geral. Mas é o respeito por esse espaço individual que condiciona a harmonia do espaço como território, mais geral, onde se verificam inúmeras relações



subjetivas. Ao interpretar o espaço como território não devemos ignorar a representação individual de quem do território faz parte, fazendo dele um lugar, leia-se, o seu lugar.

O território é o “local ou área geográfica ocupada por uma pessoa ou um grupo que fazem dele, de certo modo, sua propriedade” (Barracho e Dias, 2010, p.36). É a existência de condições, de regras que estabelecem um território. Um espaço transforma-se em território quando existe um domínio, um sentimento de propriedade, uma habit(u)ação. Ao atribuir o significado de território a um espaço, estamos a descobrir nele uma intencionalidade, uma ocupação. De certo modo, estaremos a atribuir uma relação de poder e contrapoder entre os seus intervenientes.

O termo território é utilizado quando pretende designar a transformação de um local físico em espaço pessoal. “O território é, assim, um espaço mediado pelas representações construídas por um determinado grupo ao estabelecer o seu poder frente a outro e que se apropria do espaço como forma da sua expressão e projeção” (Cunha, 2008, p.185). Só reconhecemos um território quando “existe um paradigma comportamental distinto, no mais das vezes, associado à posse ou ocupação de um local ou área geográfica por um indivíduo ou grupo e que pode envolver a personalização e a defesa em qualquer violação” (Barracho e Dias, 2010, p.37).

Esta personalização indica quem ocupa esse espaço e manifesta a existência de fronteiras interpessoais. Esse facto leva-nos a questionar acerca da existência ou não de fronteiras bem definidas e delimitadas entre diferentes territórios. Mesmo quando claramente definido, um território é sempre determinado pela relação que o ser humano tem com o próprio espaço, levando-o a adotar determinado comportamento influenciado pelos diferentes contextos. Aliás, território e comportamento unem-se numa relação de reciprocidade: todas as alterações que ocorrem num deles afeta o outro. O comportamento define o território, que define o comportamento, num círculo de influências inacabado.

Relacionado com o termo território está o fenómeno de apropriação, onde o indivíduo assume uma extrema importância. O ser humano apropria espaços (sejam eles casas, ruas, jardins) através de



fenômenos como a educação ou aculturação. No entanto, nunca se apropria do espaço em si, o físico, o tangível.

Apropriação é um processo mais complexo, interativo, baseado na noção de identidade do lugar como algo abstrato metafísico, sobre o qual o indivíduo se fixa. O que o ser humano apropria é a forma como se relaciona com os objetos e os locais que fazem parte desses espaços. É um mecanismo de adaptação, variável consoante o sujeito, o espaço, a função e os recursos disponíveis.

Um espaço torna-se território quando existe uma apropriação, um sentimento, uma identificação. Tudo isso leva à definição de poderes, onde se destacam os poderes de uma cultura dominante e se delineiam os dispositivos de poder e contrapoder.

O espaço molda o comportamento humano, que, por sua vez, também molda o espaço. É nesse ciclo constante que residem os fenômenos sociais, que levam à transformação, mudança e estabilização da sociedade. A sociedade é um conjunto de lugares e territórios, com fronteiras tênues entre si, em constante afinidade e relação, sobre a qual deveremos ter sempre duas interpretações: uma interpretação vertical, que tem que ver com a presença dos indivíduos com o espaço, e uma interpretação horizontal, que tem que ver com a interação do indivíduo com esse mesmo espaço.

A relação entre o homem e o espaço é demarcada por uma subjetividade de representações, aliada à inconstância do indivíduo e à mutação do espaço. Por isso, deveremos encarar todos os lugares e territórios como espaços subjetivos, de relações sociais permanentes, onde se evidencia, constantemente, a relação entre o comportamento, ambiente e contexto, ou seja, como espaços sociais.

Espaço e lugar

É o ser humano que transforma o espaço em lugar. O espaço é diferente de local, mas “os espaços tornam-se locais quando estão ligados a pessoas, ganham significado psicológico e implicam o decurso de atividades” (Barracho, 2001, p.20). São as pessoas que validam os lugares, pois são elas que ocupam os espaços e que lhes atribuem uma representação. O espaço transforma-se num lugar, apreendido, interpretado e sentido pelo indivíduo, definido pelos seus sentimentos, necessidades e



projetos. Assim, podemos entender o lugar “como a forma pela qual o espaço se torna objetivo e visível” (Menezes, 2000, p.172). Ou seja, o contexto de um determinado espaço físico transforma-o em lugar, evoca respostas humanas complexas e subjetivas, influídas por sentimentos, atitudes, valores, expectativas, desejos, necessidades.

“Os espaços tornam-se locais quando estão ligados a pessoas, ganham significado psicológico e implicam o decurso de atividades” (Barracho e Dias, 2010, p.28).

O lugar é um espaço de relação, comum entre os seus ocupantes, onde acontecem transformações sociais, culturais e educativas, evidenciando-se, por isso, como um agente de socialização globalmente ativo. Põe em relação os seus habitantes, ocupantes e também transeuntes, numa sequência de fenómenos, desde a transformação até à estabilidade, passando pela manutenção, articulação, correlação, sobreposição, justaposição e mudança. Essas relações permitem o desenvolvimento social e pessoal, com os quais os seus habitantes se vão identificando e (trans)formando.

O lugar é o espaço preenchido, não desordenadamente, mas a partir dos significados de quem o ocupa (...) Os lugares são preenchidos por subjetividades. É nesse sentido que os espaços vão se constituindo lentamente como lugares, passando a ser dotados de valores e inserindo-se na geografia social de um grupo, que passa a percebê-los como sua base, sua expressão” (Cunha, 2008, p.185).

O lugar, quando entendido como mundo habitado, “é um espaço de produção, reprodução e desenvolvimento das sociedades, apresentando-se como um espaço em contínua transformação, quer do ponto de vista dos processos socioculturais, quer da reflexão que sobre ele se faz” (Menezes, 2000, p.163).

O espaço pode ser considerado um lugar quando os atores sociais que o ocupam lhe atribuem alguma conotação e identidade, quando lhe emprestam sentido e sentimento. “A dimensão humana é que pode transformar o espaço em lugar. O lugar constitui-se quando atribuímos sentido aos espaços, ou seja,



reconhecemos a sua legitimidade para localizar ações, expectativas, esperanças e possibilidades” (Cunha, 2008, p.184).

Como organização social, os espaços são sistemas de controlo, de atividades, de interdependência, de autoridade ou qualquer outro sistema. A verdade é que passamos a vida em espaços sociais que mais não são do que organizações estruturadas. Nascemos, vivemos, estudamos, trabalhamos, brincamos e morremos em organizações. Organizações que moldam os nossos comportamentos mediante o contexto para o qual somos remetidos no seio das nossas atribuições pessoais e sociais.

Enfim, a forma como ocupamos o espaço e a forma como relacionamos essas diferentes ocupações irão sempre definir a nossa interação entre o espaço, por si só, e as estruturas sociais, culturais e, principalmente, educativas presentes nesse mesmo espaço.

Lugar e educação

Cada lugar educativo é o ambiente social onde se processa a partilha de conhecimentos e/ou competências, que levam a determinados comportamentos. Um lugar educativo é, necessariamente, um lugar organizado. Para um espaço funcionar, isto é, para conseguir levar a cabo as suas funcionalidades, é necessário educar quem dele faz parte, no sentido de conhecer e cumprir o papel que deve desempenhar na relação com todos os elementos intervenientes. Todavia, “o espaço, então, sendo sempre potencial, abriga a possibilidade da existência de programas de formação (...), mas não garante a sua efetivação” (Cunha, 2008, p.184).

Nem sempre um espaço educativo é um espaço de educação. Cunha (2008) recorre ao exemplo da universidade, mencionando que “tradicionalmente, a universidade é identificada como um espaço de formação docente, inclusive pelas prerrogativas legais que tem. Mas o facto de ser o espaço da formação não significa que, necessariamente, se constitua em um lugar onde ela aconteça” (Cunha, 2008, pp.183-184).

Realçam-se três características de um espaço que se pretende educativo: 1) singularidade e distinção (um espaço educativo, pelas suas funções e características, é diferente do outro); 2) legalidade (para



um espaço educativo funcionar, terá de o fazer dentro das normas e imposições legais que o regem);
3) programação (relacionada, principalmente, com o tempo que o espaço ocupa).

Assumir uma programação, ser distinto e cumprir a lei são os três principais pressupostos de um espaço educativo. Qualquer que seja a atividade desenvolvida em determinado espaço educativo, “que esta se faça numa instituição, num clube, numa família ou num bairro, requer tempo de preparação, de reflexão, de implementação, de empenho” (Capul e Lemay, 2005, p.149). Recuperando as suas três principais características, um espaço educativo é único, programado e de acordo com as normas. Podemos considerar qualquer espaço social um espaço educativo, até porque todo o contexto social tem poder para exercer a sua própria formação.

Apesar de reconhecermos a escola como espaço social e educativo dominante, compreendemos que a rua, quando encarada como um espaço de encontro entre as pessoas, pode ser considerado um espaço educativo, pois evidencia, transmite e relaciona os diferentes papéis que são assumidos por essas pessoas na sociedade.

De acordo com os momentos da vida, damos prioridade a um ou a outro dos diferentes espaços educativos, mas convém valorizar as relações de complementaridade que se criam entre eles, facilitar as transições complexas duns para outros, a fim de recriar uma verdadeira coerência educativa (Delors, 2003, p.100).

Também reconhecemos espaços que, na sua função, não surgiram para educar, mas que têm rasgos dessa natureza, como por exemplo um Centro Comercial que recebe uma exposição temporária ou um jardim que proporciona um concerto ao ar livre. Ou ainda espaços que, de forma muito subtil, transmitem uma mensagem associada a determinados valores, que irão resultar em determinados comportamentos.



Espaço e contexto

Entendemos que o termo *espaço* pode ser entendido como lugar, território, mas também como contexto. O contexto é a *personalidade* do espaço. Podemos apontar três características ao espaço que, como contexto, se evidenciam: 1) O contexto que distingue um espaço do outro; 2) Qualquer contexto permanece no espaço ao longo do tempo; 3) O contexto influencia o comportamento do indivíduo.

O contexto é a soma das partes que constituem um espaço. É um conjunto específico das características do ambiente, correlacionadas com as características do aspeto físico, mais a apropriação do indivíduo, mais a relação entre os indivíduos intervenientes. O contexto atribui ao espaço muito mais que simples características arquitetónicas, enaltecendo as relações e as influências cruzadas entre todos os elementos de um espaço, demarcadas pelo próprio indivíduo. Um espaço, como contexto, desperta no indivíduo não só noções cognitivas, normativas e comportamentais, como também sensações afetivas e emocionais.

Relacionar-se com determinado contexto não significa sempre aceitá-lo, mas também rejeitá-lo. A rejeição e a repulsa são também relações válidas entre espaço e indivíduo, sobre o qual o indivíduo atribui simbolismos e utilidades, numa complexidade de sentimentos e comportamentos. A própria comunidade deve ser considerada um contexto, com interpretações e representações várias, mesmo que dificilmente definidas. O contexto assume-se como uma representação abstrata. É nesse abstracionismo, vincado por diferentes interpretações e conexões, que o sujeito se relaciona na sociedade, num contacto de múltiplas variáveis entre os variados espaços que frequenta ao longo da sua formação, leia-se, ao longo da vida.

Contextos educativos

O indivíduo depara-se, ao longo da vida, com inúmeros espaços que influem a sua forma de encarar o mundo. São espaços que se devem considerar educativos, na medida em que neles se reflete muitos comportamentos e atitudes do ser humano. De facto, somos o que habitamos. Transformamo-nos mediante aquilo que apreendemos, como resultado de onde e do que vivemos. Tal como distinguimos



a diversidade de espaços, também entendemos a educação na sua pluralidade. Temos de “consolidar o entendimento da educação como fenómeno plurifacetado, ocorrendo em muitos lugares, institucionalizado ou não, sob várias modalidades” (Frantz, 2001, p. 256).

Ao longo da vida, o ser humano contacta com inúmeros contextos que se assumem como espaços educativos, podendo ser, no nosso entendimento, de três tipos: contexto de formação; qualificação e certificação.

Em contexto de formação o principal objetivo é formar, informar e dotar o indivíduo de conhecimentos e competências que se consideram imprescindíveis para a vida ativa em sociedade. Os contextos de qualificação coexistem com os espaços de formação, mas destacam-se pelo facto de proporcionarem a qualificação do indivíduo, dotando-o de competências que o permitem ser um indivíduo capaz, diligente, competitivo, conhecedor e hábil em determinada área profissional. Em contexto de certificação obedecemos ao princípio de que o certificado é o princípio e o fim do processo de aprendizagem do indivíduo e é o diploma que determina o sucesso ou insucesso individual.

Lugares educativos

Independentemente da relevância que se atribui a determinado espaço formativo, seja ele em contexto de formação, qualificação ou certificação, é evidente que o ser humano, ao longo da sua vida, contacta e relaciona-se com variados contextos educativos, como se fossem ilhas educativas, afastadas não apenas por um mar revolto, mas por interesses, metodologias, processos, infraestruturas e demais características, onde a maré vaza ou cheia não fazem diferença. Cada um tem o seu próprio navio com tripulação e comandante dedicados. A existência dessas ilhas, desses lugares educativos ou *arquipélagos educativos*, como evocou Ruiz Muñoz (2000), são a confirmação da heterogeneidade, dispersão e multiplicidade de configurações nos discursos sobre espaços educativos. Ruiz Muñoz alertou para a “necessidade de lançar para o plano da discussão teórica conceitual esta diversidade de espaços educativos e políticos, que configuram a identidade do indivíduo” (Ruiz Muñoz, 2000, p.118). Espaços que, pertencendo ao mesmo *arquipélago educativo*, “não são independentes, mas



estabelecem conexões através de microfissuras que relacionam um espaço com o outro” (Ruiz Muñoz, 2000, p.118).

Família, rua, escola, associações, empresas, religião, universidade, anfiteatros, bibliotecas, galerias, concertos, jardins, museus... são exemplos de contextos rodeados uns pelos outros pautam pela dependência recíproca e se constroem de acordo com os sentidos de participação, igualdade, autonomia, solidariedade, consciência e cooperação.

Existem iniciativas populares e institucionais bem-sucedidas, protagonizadas por *instituições-charneira* (Azevedo, 2007) referenciadas a um sistema mais policêntrico que a um sistema fechado e hegemónico. Apesar de cada contexto (leia-se, lugar) preservar a sua identidade, ela não está, nem é, independente dos outros lugares e permanece em constante interação. Joaquim Azevedo (2007) também manifesta uma visão muito semelhante ao identificar a *comunidade de aprendizagem* constituída por diferentes espaços: família; escola; vida cultural local (bibliotecas, museus, teatros, casas da cultura, cinemas, teatros, centros de música e arte, etc.); vida económica – empresas, trabalho e emprego, o desemprego e o mundo laboral, o desemprego de longa duração, o associativismo empresarial e sindical, as redes empresariais); vida associativa – associações várias; paróquias e igrejas; desporto; animação de tempos livres, entre outros. Cada espaço terá a sua missão e o seu papel diferenciado na sociedade.

Considerações finais

O facto de se atribuir a cada lugar educativo a faculdade de adaptação e constante atualização permite que o indivíduo possa, ao mesmo tempo, ocupar e permanecer ligado a vários lugares ao mesmo tempo, ao longo da vida.

A educação não só vai assumindo que é possível e necessária em todas as etapas do ciclo de vida de cada pessoa, mas que interioriza progressivamente que os agentes educativos



transcendem à escola e à família, descobrindo assim o potencial educador do tecido associativo, das administrações locais, das empresas com vocação da cidade e do próprio circuito, natural e construído (Caballo, 2008, p.44).

Nesses diferentes lugares, cada sujeito cumpre diferentes papéis, mas sempre numa relação de pluripertença. O mesmo indivíduo pode sentir-se parte integrante de diferentes lugares educativos, como se fosse possível habitar em diferentes ilhas ao mesmo tempo. Outro fenómeno que teremos de compreender é a cadência e o compasso com que essa pluripertença se ritma. “Nem as instituições educativas nem as suas missões se podem confundir, mas a interação entre todas (devidamente articulada) é decisiva para o objeto sociocultural e político de colocar, nas comunidades, as pessoas e as suas diferenças em primeiro lugar” (Azevedo, 2007, p.19). O ser humano habita numa comunidade, com inúmeros lugares educativos. Cada alugar é constituído por inúmeros contextos. O mesmo contexto encerra em si inúmeros subcontextos. Todos estes subcontextos, contextos, lugares e comunidades relacionam-se entre si, numa relação de satisfação ou frustração; experiências agradáveis ou negativas.

Habitamos o espaço, num determinado tempo. E durante esse tempo, que é a soma de diferentes tempos, encaramos o espaço como lugar, que nos educa permanentemente para uma vida ativa e consciente.



Bibliografia

Azevedo, Joaquim (2007), “Aprendizagem ao longo da vida e regulação sociocomunitária da educação”, *Cadernos de Pedagogia Social: aprender na e com a vida as respostas da pedagogia social*, 1, ano 1, 7-40.

Barracho, Carlos (2001), *Psicologia social: ambiente e espaço: conceitos, abordagens teóricas e aplicações*. Lisboa: Instituto Piaget.

Barracho, Carlos e Dias, Maria João (2010), *O homem e o espaço: perspectivas multidisciplinares*. Lisboa: Sílabo.

Caballo, María Belén (2008), “A animação sociocultural e o movimento das cidades educadoras”. In: Pereira, José Dantas Lima, Vientes, Manuel Francisco e Lopes, Marcelino de Sousa (coord.), *A Animação Sociocultural e os desafios do século XXI*. Ponte de Lima: Intervenção, 43-52.

Capul, Maurice e Lemay, Michel (2005a), *Da educação à intervenção social - volume 1*. Porto: Porto Editora.

Cunha, Maria Isabel (2008), “Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação de docentes universitários”, *Educação Unisinos*, 12 (3), setembro/ dezembro, 182-186.

Delors, Jacques (coord.) (2003), *Educação: um tesouro a descobrir - Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. Porto: Asa Editores.

Frantz, Walter (2001), “Educação e cooperação: práticas que se relacionam”, *Sociologias*, ano 3, n.o 6, jul/dez 2001, 242-264.



Revista de Pedagogia Social



Menezes, Marluci (2000), “Do espaço ao lugar. Do lugar às remodelações sócio-espaciais”, *Horizontes Antropológicos*, ano 6, n.o 13, junho, 155-175.

Ruiz Muñoz, María Mercedes (2000), “Archipiélago Educativo: espacios de formación del sujeto adulto”, *Revista Interamericana de Educación de Adultos*, Año 22, n.os 1,2, y 3, 103-125.

Saramago, José (2009), *O caderno: textos escritos para o blog*. Lisboa: Editorial Caminho.